

SETEMBRO

2 TER 21H RECITAIS OSESP

JEAN-EFFLAM BAVOUZET PIANO 

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]

Sonata nº 22 Para Piano em Fá Maior, Op.54 [1804]

- Tempo di Menuetto

- Allegretto

11 MIN

Sonata nº 23 Para Piano em Fá Menor, Op.57 - *Appassionata* [1805]

- Allegro Assai

- Andante

- Allegro ma Non Troppo - Presto

25 MIN

MAURICE RAVEL [1875-1937]

Miroirs [Espelhos] [1904-5]

- Noctuelles [Mariposas]

- Les Oiseaux Tristes [Os Pássaros Tristes]

- Une Barque Sur l'Océan [Uma Barca no Oceano]

- Alborada Del Gracioso [Alvorada do Gracioso]

- La Vallée Des Cloches [O Vale Dos Sinos]

25 MIN

BÉLA BARTÓK [1881-1945]

Sonata Para Piano [1926]

- Allegro Moderato

- Sostenuto Pesante

- Finale

25 MIN

A *Sonata nº 22* e a *Sonata nº 23*, de Beethoven, foram compostas em 1804, quando o compositor desfrutava de férias de verão nos arredores de Viena. No entanto, pode-se constatar que são muito diferentes entre si.

A *Sonata nº 22* é uma obra extremamente original, mas em parte mal compreendida e negligenciada pelos intérpretes. Seu primeiro movimento — “Tempo di Menuetto” — se inicia com uma melodia delicada, que estabelece um clima ameno, surpreendentemente aniquilado por um cânone, quase agressivo, de oitavas nas duas mãos. A justaposição tão contrastante e aparentemente excêntrica desses dois elementos pode ser compreendida como uma troça à música de salão, altamente disseminada na época, agradável como o motivo de início, porém sem grande profundidade, característica satirizada com a intervenção “mal-educada” do segundo tema. A atitude de Beethoven pode ser comparada à do contador de piadas que nem esboça um sorriso enquanto deleita sua plateia. Na coda, que encerra o primeiro movimento, ele depois promove uma espécie de conciliação entre esses dois motivos principais na forma de um hino solene no qual o primeiro elemento é predominante.

Trata-se da primeira das grandes sonatas do compositor a se constituir de apenas dois movimentos. Portanto, o “Allegretto” que se segue já é o último andamento da obra. Beethoven permanece aqui mais no campo da atmosfera, com cinco deliciosos minutos de um *perpetuum mobile* que brinca engenhosamente com as notas da escala de Fá Maior e suas modulações.

O título *Appassionata*, pelo qual a *Sonata n° 23* ficou conhecida, foi dado postumamente por um editor, mas nem por isso deixa de ser extremamente apropriado: trata-se de uma das obras mais tempestuosas de Beethoven do ponto de vista emocional.

O drama que transborda no primeiro movimento — “Allegro Assai” — é exacerbado por meio de contrastes extremos de intensidade. Já o segundo movimento — “Andante” — se inicia na região grave, com um tema em forma de coral, ao qual se seguem três variações em que a melodia vai se tornando cada vez mais aguda e as notas do acompanhamento cada vez mais rápidas. O trecho inicial é retomado ao fim, dividido entre os vários registros do instrumento, mas uma harmonia enigmática frustra qualquer conclusão pacífica e conduz, por meio de uma série de acordes fortíssimos, ao terceiro movimento, que retoma o caráter enérgico do início da obra. É necessário grande vigor físico para manter a agitação incessante, quase caótica, com notas extremamente rápidas, que soam mesmo ameaçadoras. A coda, que se inicia com um novo elemento, em acordes, deve ser executada ainda mais rapidamente, concluindo a obra com arpejos descendentes que parecem querer colapsar o movimento sobre si mesmo.

Exatamente cem anos mais tarde, em 1904, Ravel iniciava a composição de uma de suas mais importantes obras para piano, *Miroirs* [Espelhos]. Trata-se de uma suíte de cinco peças, cada uma dedicada a um membro do grupo de artistas e intelectuais que se autodenominava Les Apaches e do qual o compositor fazia parte. Os Apaches contestavam o *establishment* e se reuniam semanalmente, em uma atmosfera de cumplicidade, para apresentar o que cada um havia produzido.

1. NICHOLS, Roger. *Ravel* (Londres: Yale University Press, 2011).

Apesar de Ravel não ter sido um bom pianista, nos deixou algumas das obras mais difíceis e mais bem escritas para o instrumento. Não se faz necessária apenas uma grande destreza técnica para realizar passagens com notas repetidas em grande velocidade, arpejos na mão esquerda cobrindo quase todo o teclado, notas duplas irregulares e trechos com incômoda sobreposição de mãos; para interpretar sua música, é preciso, sobretudo, um senso altamente desenvolvido de ritmo e uma capacidade de produzir diferentes timbres, aliados a grande poesia e imaginação.

A suíte se inicia com “Noctuelles”, título infinitamente mais poético em sua língua original do que na tradução como “Mariposas”. A peça é dedicada ao poeta Léon-Paul Fargue e teria sido inspirada por um de seus versos: “As mariposas deixam seus abrigos em voos irregulares, para ornamentar outros ambientes”. Esse voo irregular dos insetos é maravilhosamente traduzido pela assimetria entre as duas mãos que executam notas duplas cromáticas logo no início da peça.

“Les Oiseaux Tristes” [Os Pássaros Tristes], dedicada ao pianista Ricardo Viñes, a quem coube a estreia da suíte em 1906, evoca, segundo o próprio Ravel, a imagem de “pássaros perdidos no torpor de uma floresta muito densa durante as horas mais quentes do verão”.¹

Com “Une Barque Sur l’Océan” [Uma Barca no Oceano], Ravel mais uma vez demonstra seu fascínio pelo movimento das águas, tal como havia feito em *Jeux d’Eau* [Jatos d’água], de 1901. Mas aqui a perspectiva oceânica dá margem a um pianismo mais amplo, que explora sistematicamente trêmulos e arpejos.

“Alborada Del Gracioso” [Alvorada do Gracioso] possui algumas das passagens de notas repetidas mais difíceis de toda a literatura para piano e por isso requer um instrumento com mecanismo perfeitamente regulado. Essa obra de inspiração espanhola foi dedicada ao crítico musical Michel Dimitri de Calvocoressi. O próprio compositor, em carta, esclarece o significado do título: “Eu entendo sua dificuldade em traduzir ‘Alborada Del Gracioso’. É precisamente por isso que eu decidi não traduzi-lo. O fato é que o *gracioso* da comédia espanhola é um personagem muito especial que, até onde sei, não se encontra em nenhuma outra tradição teatral. Há um equivalente no teatro francês: o Fígaro de Beaumarchais [...]. Isso será suficiente para explicar o estilo humorístico desta peça.” É preciso esclarecer ainda que *alborada* seria um tipo de serenata da região da Galícia.

Ravel teria dito que a inspiração para compor “La Vallée Des Cloches” [O Vale Dos Sinos] teria vindo do dobre das catedrais ao meio-dia em Paris. Dedicada a seu amigo e aluno de composição Maurice Delage, a obra requer grande imaginação sonora.

Não deixa de ser surpreendente que, após o brilho de “Alborada”, Ravel tenha optado por terminar o ciclo em uma atmosfera meditativa, com uma peça desprovida de virtuosismo. Por esse motivo, muitos intérpretes invertem a ordem das duas últimas partes da suíte.

Em meados dos anos 1920, Béla Bartók, após intenso trabalho como pesquisador de tradições musicais folclóricas, professor da Academia de Música de Budapeste e compositor, decide investir em sua carreira como autor-pianista. Provavelmente foi inspirado pelo sucesso alcançado por Stravinsky ao apresentar-se em turnê pela Europa e pelos Estados Unidos como solista de seu *Concerto Para Piano e Instrumentos de Sopros* [interpretado pela Osesp em abril passado]. Dessa forma, entre junho e novembro de 1926, Bartók compõe algumas de suas obras mais importantes para piano, a serem utilizadas em suas apresentações: a *Sonata Para Piano, Ao Ar Livre* e o *Concerto n° 1 Para Piano*.

Nos anos posteriores ao fim da Primeira Guerra Mundial, conhecidos como os anos loucos da música, enquanto a Europa redesenhava seu mapa político, compositores desenvolviam novas correntes estéticas que buscavam expandir os limites da arte até então realizada. Bartók responde a este desafio com um aumento significativo do uso de dissonâncias, incorporação de elementos rítmicos e harmônicos complexos, oriundos das tradições folclóricas, e tratamento percussivo do piano.

O primeiro movimento da *Sonata Para Piano* exala virilidade. Sua linguagem harmônica exótica reflete o convívio do compositor com a música tradicional dos povos balcânicos. O piano é valorizado em seu aspecto mecânico e percussivo, sem nenhuma concessão ao lirismo. O mesmo pode ser dito do segundo movimento, de uma expressão severa, crua e abstrata. Já o “Finale” tem caráter de dança folclórica — certamente inspirado em camponeses oriundos de terras distantes. A ausência de efeitos meramente virtuosísticos normalmente impede que o ouvinte tenha a real noção da extrema dificuldade técnica dessa música altamente concentrada.

EDUARDO MONTEIRO é pianista e professor no Departamento de Música da USP.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

BEETHOVEN

PIANO SONATAS VOL. 2

Jean-Efflam Bavouzet, piano

CHANDOS, 2014

RAVEL

COMPLETE PIANO WORKS

Jean-Efflam Bavouzet, piano

MD&G SCENE, 2004

BARTÓK

COMPLETE SOLO PIANO MUSIC

György Sándor, piano

VOX, 2003

LIVE FROM THE CONCERTGEBOUW 1978-79

Martha Argerich, piano

WARNER CLASSICS, 2000

THE PIANO CONCERTOS

BBC Philharmonic

Gianandrea Noseda, regente

Jean-Efflam Bavouzet, piano

CHANDOS, 2010